

mais emphatica, conforme a intenção do que a diz:

Elle morrerá, *se persistir*.
Se persistir, morrerá.
Logo que sai, choveu.
Choveu, *logo que sai*.
Antes de partir, chorou.
Chorou, *antes de partir*.

2. A proposição absoluta fica intercalada, quando marca uma citação ou fala de qualquer interlocutor:

A riqueza, *disse Socrates*, é ephemera.
Quero, *exclamou elle*, quero viver.

3. As orações coordenadas são dispostas conforme o sentido e a successão veridica dos factos:

a) *Deus fez a luz; depois creou a natureza; e finalmente formou o homem.*

b) *Entrou em combate, luctou heroicamente e morreu.*

A idéa obriga a collocação em circumstancias como estas, de sorte que seria impossivel dizer: *morreu, entrou em combate e luctou heroicamente*. Não menos absurdo seria inverter a ordem do primeiro exemplo dizendo: *Deus finalmente formou o homem, depois creou a natureza*, etc. Assim, todas as vezes que os factos têm ordem historica, a narração deve tambem seguir em logares successivos os momentos successivos do tempo.

A conclusão de uma premissa deve ir tambem em ultimo logar. *Penso, logo existo*; é phrase que se não pôde inverter.

A inversão tem, todavia, logar, quando, sem offensa da ordem veridica e historica dos factos, a coordenação é feita por conjuncções disjunctivas:

Quer venha, quer não venha.
Quer não venha, quer venha.

Neste caso existe exclusão de um dos dous factos, e a ordem historica não soffre injuria alguma.

Mas, quando na successão e gradação de proposições ha necessidade de oppôr uns a outros, a successão deve entender-se para cada grupo de proposições. Ex.: "O dia aciara os ob-

jectos, a noute os obscurece; um é o momento do trabalho; a outra, o do descanso”.

Sem embargo d'estas regras, que são mais da logica do que do uso commum, nota-se em muitos passos dos *Lusiadas* certo desalinho na enumeração de acções verbaes. Ponho os exemplos:

Derriba, fere, *mata* e põe por terra.

Lusiadas, I, 88.

Fere, *mata*, derriba, denodado.

III, 67.

Rompe, corta, *desfaz*, abala e talha.

III, 51.

Aventurar-me a *ferro*, a *fogo* e a *neve*.

IV, 79.

E ainda outros, bastantes para que se supponha que em verdade é intencional. Descrevendo combates e pelejas, nota o poeta acções multiplas, simultaneas e confusas, exercendo-se sobre multiplos sujeitos; pôde então dizer: *Fere* (a uns), *mata* (a outros) e *põe por terra* (a outros).

XII

Da collocação dos pronomes (1)

Definições. Os pronomes obliquos *me, te, se, lhe, nos, vos, o*, chamam-se *enclíticos*, quando são collocados depois do verbo, e sempre foram assim chamados por ser essa collocação normal:

Arrependi-*me*.

Diga-*me*.

Chamam-se *proclíticos* quando vêm antes do verbo:

Para que *lhe* diga.

Disse que *se* arrependera.

Ao phenomeno de anteposição dá-se o nome de *próclise*; ao phenomeno de posposição, o de *enclise*.

Ainda ha o caso em que os pronomes ficam intercalados no vocabulo. E' o que se dá no futuro:

Dir-*te-ei*.

Far-*vos-ei*.

(1) Aconselhamos a leitura do livro — *Língua portugueza* (1922) de Affonso Costa que em varios capitulos sobre a próclise e enclise illustra a materia, e faz critica de seus predecessores. — De interesse retrospectivo são os *Rascunhos grammaticaes* de B. C. (Baptista Caetano) 1881. A primeira grammatica portugueza (e uma das rarissimas) que se occupou da questão foi a de Francisco Ferreira de Andrade Junior — *Grammatica das Grammaticas* que dedica a esta materia paginas numerosas. — Recentemente e por influxo do Brasil a materia mereceu a attenção de Candido de Figueiredo que escreveu conhecido livro sobre o "assumpto e a de Epiphanyo Dias (um pouco desordenadamente) na sua postuma *Syntaxe historica*".

É um caso especial da posposição, porque, se não é de uso dizer *farei-te, dirá-te*, a anteposição é sempre de bom uso: *te direi, te fará*. *Verás-me* havia em um manuscrito dos *Lusiadas* entre as estrophes que foram depois omitidas e ha exemplos, ainda que raros, em outros classicos.

REGRAS DE COLLOCAÇÃO

A questão da collocação dos pronomes obliquos tem sido entre nós objecto de vivas questões, menos pelos erros no emprego d'esses pronomes do que em razão de regras falsas, arbitrariamente imaginadas e impostas com tyrannico e absurdo despotismo por varios grammaticos de hoje. A verdade é que os casos de *collocação determinada* se reduzem a *quatro*, como veremos; fóra d'ahi tudo fica ao capricho e arbitrio do rhythmo, euphonia, ou emphase, não havendo para estes casos regra de absoluto rigor.

- ⊕ 1. Sempre que a oração é *negativa* ou *subordinada*, as encliticas pronominaes, *em geral*, precedem o verbo:

“Pedi *que* lh'o mostrassem, perguntou cujo era; respondeu o official que era um filho de Sua Senhoria *que se* embarcava para a India.”

Bernardez. *Floresta*.

“Ao falador, *calo-me*; ao doudo, não *lhe* atalho a furia; ao pobre, *não lhe* devo; ao rico, *não lhe* peço; ao vão, *nem o* gabo *nem o* reprehendo; ao lisongeiro, *não o* creio.”

Lobo. *Pastor peregrino*.

“No fim da carta de *que* V. M. *me* fez mercê, *me* manda V. M. diga o meu parecer sobre a conveniência de haver neste Estado ou dous capitães-móres ou um só governador. Eu, Senhor, razões politicas *nunca as* soube, e hoje *as* sei *muito menos*.”

Vieira. *Cartas*.

Em vista d'esta regra, quando a subordinação de uma proposição fica expressada pela proposição principal, a anteposição das particulas é obrigatória. Notem-se:

“Aquillo que amaveis não era o corpo, era a alma; apartou-se o que se não via, ficou o que se não póde ver.”

Vieira. *Sermões.*

Ha umas poucas de excepções quanto a essa 1ª regra, no que respeita á subordinação quando esta é expressada por *que*, conjuncção, ou *porque*, *pois que*. Os exemplos não são em grande numero, mas encontram-se nos bons escriptores. “*Porque* sobre os damnos referidos começava-se a sentir outro mais temeroso”. (Fr. L. de Souza.)

Nos casos de negativa, não ha excepção; isto é, nesses sempre anteposição dos pronomes obliquos.

2. Nunca se dá posposição depois do participio preterito. Ex.: *tenho-me aperfeiçoado*; e não, *tenho aperfeiçoado-me*.

E' regra sem excepção, sem embargo de que o não é na lingua italiana, cuja literatura tanto influiu na era classica.

3. Nunca se dá a posposição nos futuros simples: *direi-lhe*, *amarei-o*. Nesses casos ha tmesa ou intercalação: *dir-lhe-ei*, *amal-o-ei*.

4. Nunca se começa phrase ou periodo com o pronome obliquo. “*Me dê*”, “*me faça*”, etc., são brasileirismos que devem ser evitados.

5. Nas phrases do gerundio ha anteposição; nas de fórma imperfeita, posposição:

Em se levantando
Levantando-se.

6. Com algumas particulas, como *aqui, ahí, d'onde, onde, já, cá, só, sómente, lá, sempre, conforme, assim, nunca, não, bem, mais, muito, etc.*, ha tendencia para a anteposição, quando os adverbios ficam antepostos:

"*Ahí se veem as murtas circumstantes.*"

Cam., *Ecl.*, 7.

"*Ahí lhe mostra o campo varias côres.*"

Cam., *Bleg.*, 3.

"*Esta guerra só a sabem fazer os moradores.*"

Vieira, *Cartas*.

"*E em tanto se guardava que tendo um tempo guerra com Philippe.*"

Diogo do Couto, *Sold. pr.*

"*Muito me apraz dizel-o.*"

Vieira, *Cartas*.

"*Onde se encontra ou se vende?*"

Esta regra na parte que se refere a *não, nunca*, é consequencia da regra 1^a da proposição negativa. Fóra d'esse caso, não é difficil respigar exemplos, embora não muito frequentes, em contrario. É', todavia, preferivel construil-os com a anteposição:

Bem te avisei.

Ainda vos será util saber.

Sempre se faz assim.

Conforme se offereceu a occasião.

7. Ha anteposição em algumas orações optativas, de uso vulgar, quando o sujeito antecede o verbo da proposição; em virtude da regra 1^a, não inclue, portanto, caso novo:

Deus me livre.

O diabo te leve.

Mal' raio te parta.

Bons ventos o levem.

Em resumo, ha uma certa attracção do sujeito ou do adverbio de negação, quantidade e tempo, para com o pronome obliquo. A anteposição dos primeiros torna elegante a anteposição dos ultimos. Provam os exemplos: *Deus me livre, livre-me Deus; muito se discutiu, discutiu-se muito, etc.*

8. Com os adjectivos *todo, nada, ninguém, nenhum, cada, qualquer*, e com os quantitativos *tanto, quanto, muito, pouco*, etc., quando precedem o verbo, também precederão ao verbo os pronomes:

Ninguém *lhe* falou.
Todos *lhe* falaram.
Poucos *se* abstiveram.

E' em parte esta regra consequencia da 1ª e da 6ª.

9. Em toda a proposição que começa pelo vocabulo *que* (conjunção ou pronome) e pelas variantes *qual, quem, cujo*, etc., ha *próclise*, isto é, anteposição do pronome. E' consequencia da regra primeira, porque taes proposições são subordinadas.

Quem o chamou.
Lei, cujo texto *se* comprehende.

10. Com os complementos de *logar onde, d'onde*, o pronome antepõe-se com mais frequencia de exemplos e elegancia de estylo:

Em Roma *se* vê o Papa.
Onde *se* bebe ?

E' consequencia da regra 6ª, já exposta.

Esta regra tem exemplos em contrario. E pôde-se affirmar que a questão de collocação dos pronomes ainda não ficou resolvida, ou porque o phenomeno não fosse observado perfeitamente, ou porque não é susceptivel de disciplina exacta e positiva.

Do que ficou exposto resulta que só ha tres regras em que a anteposição é obrigatoria:

1. Nas negativas.

2. Nas subordinadas de *que, qual, cujo*. Comtudo, com a conjunção *que, porque, pois que*, já a regra não tem mais rigor e é muito exceptuada. (1)

(1) Com a conjunção *que* e compostos de *que* ha numerosos exemplos colhidos por Pedro Pinto — *Notas de linguagem portugueza* — pags. 143 e seguintes: De sorte que Christo defendeu-se do diabo (Vieira V. I. p. 272), *Porque* os paços de Lamentor acabaram-se (B. Ribeiro — *Menina e moça*, c. 28) e entre os modernos, varios exemplos de Camillo: Entregue vocemecê o seu arranjo a alguem que eu dou-*lhe* meia moeda (*Onde está a felicidade*, 96).

3. No gerundio (*em se levantando*).

Só ha uma regra em que a *posposição* é obrigatoria:

No começo da phrase (Não se entenda no começo da oração principal, que nem sempre inicia a phrase).

Todas as demais regras se derivam immediatamente d'estas, e são simples amplificações ou não têm valor pratico, porque exemplos classicos desmentem a toda hora. (1)

COMBINAÇÕES

1. As encliticas *me, te, se, nos, vos, o*, sendo complemento objectivo, não toleram outra enclitica.

Recommendou-me a vós e não recommendou-me-vós.

(1) Os ultimos trabalhos de valor sobre a collocação de pronomes são os de Said Ali na *Rev. bras.* 1895; os *Estudos de portuguez* de Raggio Nobrega (lidos com muita reserva) e os de um rio-grandense, F. Dutra. Um velho grammatico do Funchal, Ferreira Junior, foi, creio, o primeiro a tratar do assumpto; a sua *Gramm.* que merece ser reimpressa, data de 1850. A proposito da collocação de pronomes, faz-me notar o Dr. Silva Ramos em que Felinto Elysió se encontram exemplos (?) de pronomes obliquos no começo da phrase, *verbi gratia*, na trad. das *Fabulas* de Lafontaine.

Nen sei que intento é esse;

Não deixarás este ermo solitario?

—M'o deparas mais brando? Dares musica

A brutos! Quando muito a algum camponio.

L. 1—57.

Vem-me beijar, vem, mano,

Me offende o teu receio.

L. III — 39.

Não é exactamente o caso de começo de phrase. São expressões continuadas, talhos de periodos diferentes. Ha, contudo, certas expressões populares proverbias, que começam pelo pronome: *Me mellem! T'arrenego!* Em um dos numeros da *Renascença*, 1904, publicou o Dr. Silva Ramos um estudo a todos os respeito notavel sobre a questão dos pronomes, dando nova interpretação ao phenomeno; a collocação para o Dr. S. Ramos é sempre enclitica; ha sempre *posposição*; e essa

2. As enclíticas *me, te, nos, vos, lhes*, quando são objecto indirecto, pospõem-se a *se* e antepõem-se a *o*:

Fez-se-me.
Deram-se-lhes.
Contei-lh'o.
Disse-m'o.
Que m'o censure.
Para que lh'o diria?
O que se vos fez.

3. As combinações *vol-o, nol-o* são mais usadas antes dos verbos: *quem vol-o disse?*

4. Alguns escriptores usam a combinação ternaria de tres enclíticas: *Dê-se-lh'a, a esmola*.

Pecca por falta de harmonia e de elegancia, quando faz recuar o accentto para a quarta syllaba, o que não é lá muito da indole da lingua: "Faça-se-lhe a vontade".

posposição se faz sempre em relação á *palavra de emphase*, que póde ser o verbo ou não:

Elle-o disse
Elle disse-o
Deus-me livre
Livre-me Deus, etc.

E' como se vê, muito original e interessante esse modo de vêr a questão. No exemplo citado, se a questão importante é o haver dito, a phrase é

Elle disse-o

Mas, se o que importa é a pessoa, então será a phrase:

Elle-o disse.

XIII

Figuras de syntaxe. Particulas de realce

Figuras de syntaxe. — São as modificações de qualquer ordem da syntaxe regular, feitas espontaneamente ou com o intuito de ennobrecer o discurso.

As figuras de *syntaxe* são numerosissimas, se levarmos a analyse até ao estylo, ao rhythmo da linguagem. Isto, porém, ao nosso parecer é mais do dominio da rhetorica do que da grammatica.

Estudaremos apenas as principaes figuras.

Ellipse — é a que indica a supressão necessaria de um ou mais vocabulos na phrase:

O ouro pesa mais do que o ferro (pesa).
Silencio! (fazei silencio).

Ha certas *ellipses* que devem ser aconselhadas por elegantes ou por evitar os francezismos do estylo actual.

A ellipse do indefinido *um*:

A vida do philosopho é calma
A vida d'*um* philosopho...

A ellipse de *algum*:

Ter pratica
ter (alguma) pratica.

Salvos os casos do emprego justificado de *um* e *algum*. Eis exemplos excellentes:

“Se alguém deseja *alguns* dictames para escolher e adquirir amigos, póde arrimar-se aos seguintes.”

Bernardes. *Floresta*.

Que não é premio vil ser conhecido
Por *um* pregão do ninho meu paterno.

Camões, *Lus.*, I. 10.

Zeugma — é um caso particular da ellipse, indica a suppressão do sujeito. (1) É muito da indole da lingua.

Vou (eu vou).

Luis foi e voltou (Luis voltou).

Asyndeton — é outro caso particular da ellipse. Indica a suppressão de particulas:

Sobre o mar e a terra

(Sobre o mar e sobre a terra).

Os casos mais notaveis da ellipse são aquelles em que de dous vocabulos que primitivamente andaram juntos, um desaparece e o outro que resta, ganha a funcção dupla de ambos. Foi o que succedeu a alguns adjectivos que hoje têm o valor dos substantivos: *meia* (calça meia), *sereno* (*tempus seranum*), *figado* (*jecur ficatum*, lat.), *javali* (porco *javalimontez*), e, em geral, todos os adjectivos usados como substantivos: *o rapto*, *o direito*, *o pobre*, *o rico*, *a presa*, etc.

Syllepse — é a figura pela qual a concordancia se faz, não com o termo grammatical, mas com a idéa que se tinha em mente:

(1) Divergem os grammaticos quanto á definição de *Zeugma* e de *Ellipse*.

Syllepse de numero:

Aqui dos Scythas grande quantidade
Vivem, que antigamente grande guerra
Tiveram, sobre a humana antiguidade.

Camões, *Lus.*, III, 9.

De genero (apud F. Costa):

✓ Eram mais de dois milhões de pessoas grandes e pequenos.

Vieira — V, 31.

Não é digna de imitação a syllepse depois de *um e outro*, como no exemplo de Fr. Luis de Souza: *Um e outro arcebispos*.

Um e outro não varia de genero. “A morte e o inferno *um e outro* (e não *uma e outro*) são temíveis”. E a syntaxe melhor e mais bem auctorizada.

Eis um exemplo mais, que me communica Firmino Costa:

“Porque assim como a alma e o corpo, quando unidos, vae *um* para onde vae o *outro*.” (Bernardez — *Exerc. espir.*, II, 333.)

Ruy Parbosa não seguia esta syntaxe (*Cartas da Ingl.*, pag. 71, pag. 77), mas seguiu melhor conselho na sua famosa *Replica*. No muito interessante opusculo de José A. Corrêa (*Estudinhos da lingua portugueza*, Maranhão, 1883) depara-se-me o exemplo de Vieira:

“Dei-te *um* corpo com minhas mãos, o mais perfeito; dei-te *uma* alma tirada das minhas entranhas e feita á minha imagem e semelhança, ornei e habitei *um e outro*...”

Syllepse de pessoa: Tu e Tulia *estaes* bons.

Neste exemplo o verbo *estaes* concorda com o termo mental occulto: *vós*.

Syllepse de genero:

“Já o nosso desterro tem no céu esta victima de sua innocencia; queira Deus que com ella se acabem de desenganar os homens, e que por desconto d'esta desgraça vejamos a *Vossa Excellencia restituído* ao descanso de sua casa.”

Vieira — *Cartas*.

— E no celebre exemplo de Camões:

Mas já a planeta que no céu primeiro
Habita cinco vezes *apressada*...

O adjectivo *apressada* concorda com *planeta*, que era nos seculos XV e XVI do genero feminino, e não com o nome occulto *lua*, como diziam alguns grammaticos. Não houve, pois, syllepse neste caso.

Syllepse de tempos verbaes. Quando a correlação não é verdadeira, dizendo-se *trazia* em vez de *trago*, como o fez Camões, obrigado talvez pela difficuldade de rimas de *trago*:

D'este Deus-Homem, alto e infinito
Os livros que tu pedes não *trazia*.

Lus., I, 66.

e assim no resto da estancia.

Comtudo, o uso do *imperfeito* é o mais proprio da poesia narrativa e o segundo nos romances, chacaras, balladas e solaus.

Dizendo aquestas palavras
N'um cavallo se *assubia*.
Fanfarrão e corpulento
Alvo, de gran bizzarria;
Deu de espóras, largou redeas,
Logo *desapparecia*.

Castilho, *Outono*, 249.

Hyperbaton — indica a transposição da ordem nas sentenças e nos grupos de palavras. É uma das bellezas que o portuguez conserva por herança latina.

“Talhas lhe punham d’uma e d’outra parte
Sem proveitar dos homens força e arte.”

Lus., VI, 73.

Em Filinto Elysio, grande cultor, embora, da vernaculidade e propriedade da linguagem, mas pobre de habilidade no versificar, ha verdadeiro abuso do hyperbaton. São d’elle versos como estes:

“Em pesada, caiu, melancolia.”

“No Ithomeo cume,
E dorio perystilo da Ara homerea,
Se estendia uma faixa de verdura,
De *estadios* ampla em roda, *centos oito*.”

Pleonasmo — é a repetição de palavras e idéas para tornar clara ou emphatica a affirmação: *vi* com estes *olhos*, *ouvi* com estes ouvidos, etc.

O exemplo de Camões: “*Vi claramente visto o lume vivo*” não é propriamente pleonasmo, como o não é o emprego emphatico de *nunca jámais*, *não — nada*, *não — nenhum*, etc., nas phrases negativas; nem o é o emprego de *acaso*, *talvez*, *por ventura*, em phrases dubitativas e interrogativas. A considerar taes exemplos como pleonasticos, não haveria belleza maior que a d’essa figura.

Repousa lá no céu eternamente
E viva eu cá na terra sempre triste.

Verdadeiro pleonasma e pouco digno de imitação é o de João de Barros:

“Ao qual recado *elle Hidalção* não respondera; e que como os principes ás vezes se *indignavam indignamente* de seus capitães...”

Não faltam, porém, escriptores que o justifiquem e passem o exemplo para o canhenho das costumadas imitações.

EXPLETIVAS

(Particulas de realce)

Expletivas. — São quaesquer partes do discurso usadas como simples efeitos decorativos da phrase.

Pronomes. — Alguns pronomes pessoases são usados apenas com a função de *emphase* em logares onde seriam em certos casos dispensaveis:

Lembra-me a mim.

Deu-me a mim.

Veio-lhe, *nelle*, uma inchação. (1)

Sim. — O adverbio *sim* emprega-se muitas vezes com efeito de realce:

E' morta Roma, *sim*, morta de todo.

(Garrett — *Catão*.)

O que repetido sem ser grammaticalmente necessario no mesmo periodo. No exemplo geralmente citado:

...E *que* o regente

Que esta terra governa, *que* vos veja.

Lusiadas, I, 27.

(1) Vide o exemplo de João de Barros (onde se encontra — *elle Hidalção*) nesta pagina.

De. — A particula *de* é algumas vezes simples elemento de realce:

E' muito *do* meu.
O pobre *do* homem.
Deu-lhe o nome *de* João.

Ainda o é nas phrases comparativas:

Mais sabio *do* que justo.
E' mais bella *do* que a violeta.

A. — A preposição *a* é notada excepcionalmente nas relações de objecto directo com os nomes proprios:

Pedro matou *a* Julio.

As. — O artigo *as* em phrases idiomáticas e annexins é muitas vezes complemento directo em concordancia com um nome occulto, e nesse caso subsistiu como expletivo:

Deu *as* de Villa Diogo.
Sabe fazel-*as*.
Disse-*as* bem loas.

XIV

Anacoluthia

Anacoluthia, chama-se a interrupção e mudança de construcção já começada por outra de nexo diferente.

Em geral, essa interrupção, não raras vezes elegantissima, traduz mais fielmente o pensamento do que a coordenação logica, por si mesma despida de sentimento.

*Eu que cair não pude n'este engano
(Que é grande dos amantes a cegueira)
Encheram-me com grandes abundanças...
O peito de desejos e esperanças.*

Camões, *Lus.*, V, 54 (1)

(1) Communica-nos o Dr. Silva Ramos, nosso illustrado collaborador, os exemplos seguintes:

Da *Ulysippo*, de Jorge Ferreira de Vasconcellos:

"Quem muitas estacas tancha, alguma lhe ha de quebrar."

"Quem te não roga, não lhes vás á voda."

"Quem Deus quer ajudar, o vento lhe apanha a lenha."

"Quem se bem estreia, bom anno lhe venha."

"Bezerrinho que soe mamar, prue-lhe o paladar."

Aproveitando a tendencia popular, o auctor da *Ulysippo* põe na bocca de um dos interlocutores a seguinte phrase:

"Eu por bem farão de mim tudo, e por mal nada."

Sem sair do seculo XVI **Bernardim Ribeiro**, na *Menina e Moça*, assim se exprime:

"...por onde corre um pequeno ribeiro de agua de todo o anno que nas noites caladas o rugido d'elle faz no mais alto d'este monte um saudoso tom."

E **Diogo do Couto**, no *Dialogo do Soldado Practico*:

"O rendeiro da Alfandega que no cabo do seu arrendamento

E o seguinte de Fr. Luis de Souza:

Os brincos, os jogos, os passatempos traz que aquella idade corre sem peso, e ainda sem malicia,

ficou devendo dez mil cruzados são seus fiadores levados pelos ares”.

E na *Decada*:

“Manoel de Souza de Sepulveda, vendo sua amada esposa naquella estado e os filhinhos no chão chorando, parece que a magua e a dôr lhe resuscitou o entendimento.”

Passando ao seculo XVII, Francisco Rodrigues Lobo, que com tão elevada eloquencia pelejou sempre em favor da vernaculidade, foi o escriptor que mais amou aquella fórma de construcção. Leio na *Côrte da Aldeia*:

“Veio occasião em que o bom soldado invejoso e animado do que ouvia ler, lhe pareceu ensejo de mostrar o seu valor.”

“Eu que não perdia com os olhos um só movimento dos que os seus faziam, me pareceu tudo o que tinha visto sombra de graça e brandura.”

“Outro estudante do meu tempo (proseguiu Pindaro) passando parte de uma noite de inverno em casa de um amigo que morava perto do rio, choveu tanta agua e cresceu com tanta furia o Mondego, que lançou por fóra e fez ilha das casas do estudante.”

“E de então todos os que por fio de geração não succederam, as armas lhes deram titulo, corôa, sceptro e senhorio.”

“O outro Plafon andava o seu nome no bico dos passaros.”

E no *Desenganado*:

“Leontino que conheceu a letra e que abrindo-a (a carta) viu o signal de Marisbea, começaram-lhe a correr as lagrimas.”

São do elegantissimo D. Francisco Manoel de Mello, na *Carta de guia de casados*, estes dizeres:

“...que verdadeiramente as que se enfrascam nestes negocios caseiros não lhe lembram outros.

“A mulher principal basta-lhe que sua rainha a conheça.”

No nosso seculo, Garrett, a quem não escapavam bellezas d'estas, offerece-nos nas *Viagens na minha terra* um periodo construído por este feito:

“Assim o povo que tem sempre, melhor gosto e mais puro do que essa escuma decorada que anda ao de cima das populações e que se chama a si mesma por excellencia *Sociedade*, os seus passeios favoritos são a Madre de Deus e o Beato e Xabregas e Marvilla e as hortas do Chellas.”

E *Castillo*, que não descuidava nunca limar a phrase e polir o verso, faz dizer a um rapazola no *Fausto*:

parecia que a natureza o criaria isento da inclinação d'elles. (*Vida do Arc.*, II, cap. 2.)

“Lá a mãsinha, essa, coitada,
E' que lhe custou muito eu vir-me embora.”

Por ultimo, dois exemplos muito curiosos colhidos por **Latino Coelho**, que nos transmite no *Elógio de Frei Francisco de S. Luiz*. Um, de **Vieira**, no sermão do Rosario.

“Os tres reis orientaes que vieram adorar o filho de Deus recém-nascido em Belém é tradição da igreja que um era preto.”

O outro, de **João de Barros**:

“Martim Affonso de Mello, como o navio vinha dirigido a elle... ficou o navio com elle.”

Agora, a prova terminante de que **Camões** não usou d'aquella fórma de construcção por descuido, como se afigura a um grammatico, mas de proposito firme para um effeito intencional, está na reincidencia comprovada nas seguintes estancias dos *Lusiadas*:

“Vereis este que agora pressuroso
Por tantos medos o Indo vai buscando
Tremar d'elle Neptuno, de medroso,
Sem vento suas aguas encrespando.”

(Cant. II, Est. XLVII).

“Este depois que contra os descendentes
Da escrava Agar victorias grandes teve,
Ganhando muitas terras adjacentes
Fazendo o que o seu peito forte deve,
Em premio destes feitos excellentes,
Deu-lhe o supremo Deus, em tempo breve
Um filho...”

(Canto III, Est. XXVI).

“Este povo que é meu, por que derramo,
As lagrimas que em vão caídas vejo,
Que assaz de mal lhe quero pois que o amo,
Sendo tu tanto contra o meu desejo!
Por elle a ti rogando choro e bramo,
E contra a minha dita emfim pejo.”

(Cant. II, Est. XL).

“Mas o rei vendo a estranha lealdade
Mas pôde emfim que a ira a piedade.”

E na Egloga 1.ª:

“Como diz Homero: *quem* ha de ser Pastoral de seu povo
cumpre-lhe ser limpo e afastado de todo o vicio.”

J. de Barros, *Paney.*, 9.

“Eu que cantando espalho
Tristezas todo o dia
A frauta que soia
Mover as altas arvores tangendo
Se me vai de tristeza enrouquecendo.”

E ainda do grande poeta:

“Assim vós, rei, que fostes segurança
Da nossa liberdade e que nos dais
De grandes bens certissima esperança
Nos costumes e aspectos que mostrais,
Concebemos segura confiança
Que Deus a quem servis e venerais
Vós fará vingador dos seus reveis
E os premios vos dará que merecis.”
